

## “ERNST BLOCH: O SEMEADOR DA ESPERANÇA”

João Francisco Régis de Moraes \*

Não se trata de noticiar o falecimento do filósofo Ernst Bloch. Isto, meios de comunicação mais rápidos e eficientes, já o fizeram. Tão pouco queremos reduzir-nos a um curto registro necrológico que jamais faria justiça à estatura do homem e de pensador em apreço.

Seja, portanto, esta crônica, uma homenagem à memória do “Filósofo da Esperança”. ( Haveria um mais belo título, mais carregado de sentido, para Bloch ? ).

Durante os períodos mais desesperados da contemporaneidade, este homem dedicou-se a construir uma filosofia em torno de dois eixos notáveis: o **conceito-chave de Utopia**, com o qual se pode abrir o mundo blochiano para conhecê-lo, e o **fascínio-chave da Esperança**, tema explícito ou implícito de quase todos os seus escritos. Embora marxista, Bloch acabou por contrapor-se à “esquerda bem-pensante” com sua afirmação de que o importante era saber esperar mais, de um mundo e de uma História ainda não acabados. Se Marx, a partir de sua própria perspectiva, propôs a passagem de um socialismo utópico para um socialismo científico, Bloch, também de uma ótica muito própria e elaborada, indicou que a grande coragem, hoje, é ultrapassar-se o socialismo científico em direção a um conceito de Utopia que se encontra mais adiante, apontando para o **novum** da História. Em lugar das **utopias de fuga**, verdadeiramente alienantes, as **utopias de construção**, únicas norteadoras de uma práxis menos fria e calculista Bernd OELGART indica, da seguinte maneira, a grande contribuição do pensador: “Bloch acrescenta ao ‘quem somos nós ? de onde vimos nós ? ’ da filosofia clássica e ao ‘para onde vamos nós ? ’ de Kant, e, sobretudo, de Marx o ‘que esperamos nós ? e o que é que nos espera ? ’ (1).

Quando Bloch ensinou que “nos sonhos de quem sonha acordado” uma parte é fuga, mas outra é rebeldia, procurava dar ao vocábulo

---

\*Professor de Filosofia e Mestrando em Filosofia Social na PUC de Campinas.  
 (1) *Ideólogos e Ideologias da Nova Esquerda*, Lisboa, Ed. Presença, pág. 178.

**rebeldia** um significado positivo. Ora, aquele que devaneia, fá-lo um pouco para descansar da opressão de uma realidade presente; entretanto, a presença do devaneio também é indicativa de que a pessoa não se deixou ajustar à opressão, achatada por um mundo desumano. Ela ainda **constrói castelos no ar**; e quando os **castelos do ar** transformarem-se em **planejamento** haverão de fazer-se nas formas da sociedade de amanhã (2). “Aceitar as coisas como são não é uma fórmula empiricamente válida. Não é positiva, mas, pelo contrário, é uma fórmula que conduz à vulgaridade, à covardia e, por último, à pobreza” (3).

Jamais faríamos justiça ao pensamento de Ernst Bloch se nele procurássemos enxergar algum misticismo ou alguma religiosidade. Ninguém se deixe enganar pela erudição bíblica demonstrada pelo filósofo em seus escritos, pela maneira peculiar com que este, de uma posição atéia, procurou falar numa linguagem quase evangélica. É realmente curioso! os marxistas ortodoxos afirmam, não sem certo desprezo: Bloch é um religioso! enquanto que grande parte dos religiosos também ortodoxos acusam: Bloch é um ateu radical!

Creio que podemos afirmar ser, o pensador em consideração, pouco divulgado no Brasil. Pelo menos, não temos conhecimento de traduções de suas grandes obras para a nossa Língua. E pela dimensão das notas ( muito pequenas!) através das quais nossos jornais noticiaram o falecimento do filósofo, concluímos que o público leitor não está ainda bem informado a seu respeito. Por esta razão, buscaremos sintetizar informes biobibliográficos a respeito da figura-tema destas páginas.

Dois anos após a morte de Karl Marx, em 1885 portanto, nasceu Ernst Bloch em Ludwigshafen, na Alemanha. Realizou seus principais estudos em Berlim e Heidelberg, ao lado de George Lukács. Trabalhou com George Simmel e fez muitos e preciosos amigos como Jaspers, Radbruch e Walter Benjamin. Bloch foi um entusiasmado aluno de Max Weber, homem cuja erudição, criatividade e angústia muito marcaram o filósofo que se vinha formando. Não devemos aproximar demais a figura de Bloch à famosa “Escola de Frankfurt”, ainda que seu marxismo revisionista e reumanizante guarde algumas afinidades com as direções apontadas por Horkheimer, Adorno e Marcuse.

Ludwigshafen era uma cidade industrial e Ernst veio do próprio ambiente operário. A paisagem feiosa de sua cidade natal parece ter

(2) Ernst BLOCH, “O Homem como Possibilidade”, in **Reflexão**, Rev. do Inst. de Filosofia e Teologia da PUCC, 1(2), abril, 1976, pág. 29.

(3) **Ibidem**, pág. 31.

influído muito sobre o complexo de emoções que foram a energia geratriz do seu pensamento. Homens musculosos (trabalhadores braçais), cabeludos e sujos, barqueiros do Reno, tipos representantes de um rincão alemão que trabalhava para o progresso, mas, de um ponto de vista humano, permanecia atrasado no tempo. Bloch diria que, ali, a não-contemporaneidade fazia-se contemporânea. A paisagem industrial, ao mesmo tempo majestosa e feia, os típicos retraimentos desse meio em relação à interação social, uma natureza arruinada e um futuro dependente dos valores e preços dos grandes mercados. De certa forma, era como se a Revolução Industrial reclamasse que os humanismos da Revolução Francesa fossem traduzidos em realidade pelo socialismo. Sua cidade despertou-lhe no espírito, ainda bem cedo, a certeza de que os homens e o mundo “ainda não” se haviam realizado plenamente, de que estavam distantes disso. Assim, ainda havia um futuro prenhe de **todas** as possibilidades: boas e más. Mais tarde, Bloch estaria pronto para negar a concepção de Filosofia como a “coruja de Minerva”, que só alça vôo ao fim do crepúsculo, quando um **dia** já passou e morreu; isto é, o pensador estaria pronto para negar que a tarefa da Filosofia fosse **pensar o passado e só com este aprender**.

Voltemos, porém, a fatos da sua vida.

Seu período de estudante coincide com um agitado segmento da História: explosão revolucionária da Rússia, amotinação do couraçado Potemkine, greves gerais etc. Quer, então, o filósofo, realizar uma grande revisão da História, buscando descobrir nas épocas idas e esquecidas indicações para o nosso futuro, “porque se a história é viva segundo a dialética materialista, os marxistas não terão negligenciado esse passado?” (...) “É que eles são dominados por um medo terrível quando devem percorrer o caminho que conduz a Marx” (4). Negando a concepção não-heróica da História do próprio Marx, preferem interpretá-lo como o “evento de ruptura”, para não incidirem na teoria evolucionista; com este posicionamento, empobrecem deploravelmente a história das idéias (5). Bloch vê-se fascinado pela cristandade desde então, não pela sua tradição eclesiástica, mas pela história nem sempre claramente revelada de seus hereges e inconformistas. Concebe a **fé em Deus** de forma imanente, ou seja, não se trata de crer em um Deus **mitologicamente** existente, mas em um estado futuro de liberdade para os filhos do Amor. Vai, então, a partir de tais concepções e convicções, compondo suas obras principais: **Geist der Utopie** (“Espírito da Utopia”) tem sua primeira versão em 1918. Em 1921, publica

(4) Bernd OELGART, *Ideólogos e Ideologias da Nova Esquerda*, pág. 174.

(5) *Ibidem*, pág. 174.

uma biografia: **Thomas Münzer, Theologe der Revolution** ( “Thomas Münzer, teólogo da Revolução” ); Em 1923, alguns ensaios reunidos sob o título **Durch die Wüste** ( “Através do Deserto” ) que já indicam seu próximo trabalho **Spuren** ( “Traços” ), de 1930. Seus “Traços” ombreiam em importância com as duas obras mais fundamentais: **Geist der Utopie** e **Das Prinzip Hoffnung** ( “Princípio de Esperança”, em 3 volumes ). Antes, porém, dos **Traços**, enquanto estava exilado na Suíça, redigiu uma das mais célebres análises do fascismo: **Erbschaft dieser Zeit** ( “Herança desse Tempo” ). Mudou-se temporariamente para os Estados Unidos, onde conviveu bastante com Brecht. Neste último país publicou o seu **Ordnung und Freiheit** ( “Ordem e Liberdade” ).

De retorno à Alemanha reenceta sua carreira acadêmica e publica **Subjekt — Objekt** ( “Sujeito-Objeto” ), uma análise sobre Hegel. **Só** depois disso é que Bloch começa a publicar a série de 3 volumes de sua obra definitiva: “Princípio de Esperança”. O pensador surpreende muita gente quando faz opção por morar na Alemanha Ocidental, onde tinha passado as férias. Escreve OELGART: “A sua decisão de permanecer na Alemanha Ocidental, onde tinha passado as férias, após a construção do muro de Berlim, apenas surpreenderá aqueles que não conheceram nada dos efeitos do dogmatismo estalinista” (6).

Ernst Bloch é exemplo de filósofo independente, que não viveu “incensado” pelos seus iguais ou por melosos discípulos. Escolheu lucidamente um caminho, o da esperança não-ingênua, e foi por ele com solidão e coragem, não sem convidar para a mesma caminhada os homens de boa vontade.

Escreveu um dia, com seu estilo cheio de surpresas: “O impulso estúpido para um bom objetivo pode revelar-se inteligente, a crença passiva tornar-se naquilo que **sabe** e **se chama**. Nesse sentido podemos chegar à defesa do velho **happy-end** folgazão, porque convida de tempos a tempos a comer e não apenas a olhar (...). Além disso, os homens que não acreditam em nenhum **happy-end** prejudicam a transformação do mundo tanto como os escroques, os Don Juan permitem o casamento, afirmando-se como os charlatães da apoteose. O pessimismo incondicional então ajuda não menos as manobras da reação como o otimismo artificialmente condicionado; este último não é pelo menos tão estúpido que não acredite absolutamente em nada” (7)

Esta crônica não pode ter a finalidade de estudar o pensamento de Bloch. Ela quer apenas assinalar o quanto compreendemos a

(6) *Ibidem*, pág. 177.

(7) *Das Prinzip Hoffnung*, pág. 517.

grandiosidade filosófica deste homem-do-seu-tempo e o quanto lamentamos este desfalque nas fileiras da Filosofia.

Não adianta quereremos afirmar que o pensamento blochiano está fixado em valores teológicos ou que este é puramente marxista. O que há de ainda pouco compreendido neste intelectual, é o fato de que o seu pensamento **aponta realmente para o desconhecido**. O que incomoda as ortodoxias é a pluridimensionalidade do pensamento de Ernst Bloch; e isto é exatamente o que vemos de mais rico neste homen ímpar, que veio a falecer, na sabedoria dos seus 92 anos, no dia 3 de agosto de 1 977.

\*

---

\* Professora da Faculdade de Filosofia de Moji-Mirim. Mestranda em Filosofia da Educação na PUC de São Paulo.